

Revista **EVOLUÇÃO**

Ano IV n. 43 Ago. 2023
ISSN 2675-2573



RECONHECER E VALORIZAR



Filial da
**ABEC
BRASIL**
Associação Brasileira de Editores Científicos



Platform &
workflow by
OJS / PKP



www.primeiraevolucao.com.br

Revista **1ª** EVOLUÇÃO

Ano IV - nº 43 - Agosto de 2023

ISSN 2675-2573

Uma publicação mensal da Edições Livro Alternativo

Editor Responsável:

Antônio Raimundo Pereira Medrado

Editor correspondente (Angola):

Manuel Francisco Neto

Coordenaram esta edição:

Vilma Maria da Silva

Organização:

Andreia Fernandes de Souza

Manuel Francisco Neto

Vilma Maria da Silva

Colunistas:

Ana Paula de Lima

Isaac dos Santos Pereira

AUTORES(AS) DESTA EDIÇÃO

Daniele Marques dos Santos Barreto

Denise Teixeira Santos Menezes

Eliane Cristina Bulgan Borges

Girlene Nascimento da Silva Mantovani

Joseneide dos Santos Gomes

Lana Cristina Teixeira

Lidiane Oliveira Leopoldo da Silva

Luciana Rodrigues da Graça

Miriam Ferreira

Rita de Cássia Gonçalves Paccola

Sheyla Maria Silva Pimentel

Simone Moreira Garcia

Os artigos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores e não expressam, necessariamente, a opinião da revista.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Revista Primeira Evolução [recurso eletrônico] / [Editor] Antonio Raimundo Pereira Medrado. – ano 4, n. 43 (ago. 2023). – São Paulo : Edições Livro Alternativo, 2023. 128 p. : il. color

Bibliografia

Mensal

ISSN 2675-2573 (on-line)

Modo de acesso: <https://primeiraevolucao.com.br>

DOI 10.52078/issn2673-2573.rpe.43

1. Educação – Periódicos. 2. Pedagogia – Periódicos. I. Medrado, Antonio Raimundo Pereira, editor. II. Título.

CDD 22. ed. 370.5

Patrícia Martins da Silva Rede – Bibliotecária – CRB-8/5877

ACESSOS:

<https://primeiraevolucao.com.br>



<https://doi.org/10.52078/issn2673-2573.rpe.43>

A

São Paulo | 2023

Editor Responsável:

Antônio Raimundo Pereira Medrado

Editor correspondente (ANGOLA):

Manuel Francisco Neto

Coordenação editorial:

Ana Paula de Lima
Andreia Fernandes de Souza
Antônio Raimundo Pereira Medrado
Isac dos Santos Pereira
José Wilton dos Santos
Manuel Francisco Neto
Vilma Maria da Silva

Com. de Avaliação e Leitura:

Prof. Me. Adeílson Batista Lins
Prof. Me. Alexandre Passos Bitencourt
Profa. Esp. Ana Paula de Lima
Profa. Dra. Andreia Fernandes de Souza
Profa. Dra. Denise Mak
Prof. Dr. Isac dos Santos Pereira
Prof. Dr. Manuel Francisco Neto
Profa. Ma. Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco
Profa. Mirella Clerici Loayza
Profa. Dra. Patrícia Tanganelli Lara
Profa. Dra. Thaís Thomaz Bovo

Bibliotecária:

Patrícia Martins da Silva Rede

Colunistas:

Profa. Esp. Ana Paula de Lima
Profa. Ma. Cleia Teixeira da Silva
Prof. Dr. Isac dos Santos Pereira
Prof. Me. José Wilton dos Santos

Edição, Web-edição e projetos:

Antônio Raimundo Pereira Medrado
Vilma Maria da Silva
Lee Anthony Medrado

Contatos

Tel. 55(11) 99543-5703
Whatsapp: 55(11) 99543-5703
primeiraevolucao@gmail.com (S. Paulo)
netomanuelfrancisco@gmail.com (Luanda)
<https://primeiraevolucao.com.br>

Imagens, fotos, vetores etc:

<https://publicdomainvectors.org/>
<https://pixabay.com>
<https://www.pngwing.com>
<https://br.freepik.com>

Publicada no Brasil por:

Edições
Livro Alternativo

CNPJ: 28.657.494/0001-09

Colaboradores voluntários em:



A revista PRIMEIRA EVOLUÇÃO é um projeto editorial criado pela **Edições Livro Alternativo** para ajudar e incentivar professores(as) a publicarem suas pesquisas, estudos, vivências ou relatos de experiências.

Seu corpo editorial é formado por professores/as especialistas, mestres/as e doutores/as que atuam na rede pública de ensino, e por profissionais do livro e da tecnologia da informação.

Uma de suas principais características é o fato de ser **independente e totalmente financiada por professoras e professores**, e de distribuição gratuita.

PROPÓSITOS:

Rediscutir, repensar e refletir sobre os mais diversos aspectos educacionais com base nas experiências, pesquisas, estudos e vivências dos profissionais da educação;

Proporcionar a publicação de livros, artigos e ensaios que contribuam para a evolução da educação e dos educadores(as);

Possibilitar a publicação de livros de autores(as) independentes;

Promover o acesso, informação, uso, estudo e compartilhamento de softwares livres;

Incentivar a produção de livros escritos por professores/as e autores independentes;

Financiar (total ou parcialmente,) livros de professoras/es e estudantes da rede pública.

PRINCÍPIOS:

Os trabalhos voltados para a **educação, cultura** e produções independentes;

O uso exclusivo de **softwares livres** na produção dos livros, revistas, divulgação etc;

A ênfase na produção de **obras coletivas** de profissionais da educação;

Publicar e divulgar **livros de professores(as)** e autores(as) independentes;

O respeito à **liberdade e autonomia** dos autores(as);

O combate ao despotismo, ao preconceito e à superstição;

O respeito à **diversidade**.

**Esta revista é mantida e financiada por professoras e professores.
Sua distribuição é, e sempre será, livre e gratuita.**

Produzida com utilização de softwares livres



Filiada à:



Platform &
workflow by
OJS / PKP

Google Acadêmico



www.primeiraevolucao.com.br

A educação evolui quanto mais evoluem seus profissionais

05 APRESENTAÇÃO

Prof^a. Antônio Raimundo Pereira Medrado

RECONHECER E VALORIZAR

06 **Catalog'Art; Naveg'Ações de Estudantes**

07 CIDADÃO

Banda RAAF

08 Centro Educacional Unificado - CEU

J. Witon



CAPA: Imagem de «a href="https://pixabay.com/pt/users/ciganavida-5796054/">pixabay/

ARTIGOS

1. ARTE E MÚSICA PARA O DESENVOLVIMENTO COGNITIVO DAS CRIANÇAS DANIELE MARQUES DOS SANTOS BARRETO	11
2. A IMPORTÂNCIA DA DISCIPLINA HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO DENISE TEIXEIRA SANTOS MENEZES	19
3. EDUCAÇÃO PARA O TRANSITO: A ESCOLA COMO PROMOTORA DA CIDADANIA ELIANE CRISTINA BULGAN BORGES	29
4. AS ARTES VISUAIS E SUAS INTERVENÇÕES NO COTIDIANO INFANTIL GIRLENE NASCIMENTO DA SILVA MANTOVAN	39
5. ENSINO-APRENDIZAGEM DA CRIANÇA COM TEA E O USO DA TECNOLOGIA NESTE PROCESSO JOSENEIDE DOS SANTOS GOMES	49
6. A LUDOPEDAGOGIA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O TRABALHO PEDAGÓGICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL LANA CRISTINA TEIXEIRA	61
7. AS CONTRIBUIÇÕES DA PSICOPEDAGOGIA PARA A EDUCAÇÃO ESPECIAL LIDIANE OLIVEIRA LEOPOLDO DA SILVA	73
8. O PAPEL DA LITERATURA NO DESENVOLVIMENTO DO SENSO CRÍTICO DE ESTUDANTES DO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL LUCIANA RODRIGUES DA GRAÇA	81
9. CONTRIBUIÇÃO DOS JOGOS NA ALFABETIZAÇÃO DA CRIANÇA SURDA MIRIAM FERREIRA	95
10. EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA OS CAMINHOS E AVANÇOS CONTRA O RETROCESSO RITA DE CÁSSIA GONÇALVES PACCOLA	101
11. AS RELAÇÕES EXISTENTES NO AMBIENTE ESCOLAR: PARCERIA FAMÍLIA-ESCOLA SHEYLA MARIA SILVA PIMENTEL	109
12. POSSIBILIDADES E DESAFIOS DA ARTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL SIMONE MOREIRA GARCIA	119

Os povos indígenas e originários desempenham um papel vital na formação de nossas sociedades. Suas tradições ancestrais, profundo conhecimento da natureza e contribuições culturais enriquecem nossa identidade coletiva. Além de preservar saberes valiosos, eles oferecem insights cruciais para a medicina tradicional, agricultura sustentável e preservação de recursos naturais.

Reconhecer o passado de injustiças e desafios enfrentados por essas comunidades é um requisito essencial para construir uma base de respeito e justiça. Valorizar seus direitos à terra, línguas e práticas é uma demonstração de compromisso com a diversidade e a igualdade.

A educação desempenha um papel fundamental na promoção dessa valorização. Ela permite que as gerações presentes e futuras compreendam a riqueza cultural e os conhecimentos acumulados pelos povos indígenas. Ao incorporar esses ensinamentos nos currículos escolares, promovemos a conscientização e o respeito desde cedo, quebrando estereótipos e preconceitos que possam existir.

A educação também pode ser uma ferramenta para a revitalização das línguas indígenas e a promoção da preservação cultural. Ao fornecer recursos para escolas e programas educacionais que se concentram nas tradições e saberes locais, estamos garantindo que essas valiosas heranças não se percam no curso do tempo.

Em resumo, ao valorizar e reconhecer os povos indígenas e originários através da educação, estamos construindo uma base sólida para um futuro de entendimento, respeito mútuo e colaboração intercultural. Estamos investindo na construção de uma sociedade que celebra a diversidade e aprende com as experiências e sabedorias únicas dessas comunidades.



Antônio R. P. Medrado
Editor responsável

A CONTRIBUIÇÃO DOS JOGOS NA ALFABETIZAÇÃO DA CRIANÇA SURDA

MIRIAM FERREIRA

RESUMO

Este artigo tem como objetivo conhecer o processo de alfabetização das crianças surdas na perspectiva atual do bilinguismo. A metodologia pautou-se na observação em campo de turmas das EMEBS* e escolas polo de educação bilíngue na cidade de São Paulo, além de um espaço especializado em recreação para crianças com necessidades específicas. Foram realizadas entrevistas com docentes e coordenadores, conversas informais durante a pesquisa, que contribuíram imensamente no desenvolvimento do projeto e na construção de uma visão mais humana em relação ao surdo, suas necessidades e dificuldades. Os apontamentos de nossa pesquisa mostram que a alfabetização dos surdos ocorre de forma gradativa, impulsionada pelos estímulos que são oferecidos e a importância do contato com a língua de sinais no início da fase de construção da linguagem nas crianças. As dificuldades que permeiam este caminho e a importância dos jogos, que concluímos ser fundamental na formação do surdo, em especial nas fases iniciais de aprendizado da Libras atrelada à língua portuguesa, por se tratar de um recurso visual e interativo o que reforça as teorias nas quais fundamentamos nossa pesquisa.

Palavras-chave: Acessibilidade; Bilinguismo; Identidade surda; Inclusão; LIBRAS.

INTRODUÇÃO

Tendo em vista a afirmação da importância das brincadeiras e dos jogos para a formação integral da criança, partindo da observação das leis de inclusão que asseguram os direitos da comunidade surda brasileira e os recursos alfabetizadores atrelados a prática docente, procuramos compreender o processo de alfabetização letrada, e a influência dos jogos neste processo.

ALGUMAS QUESTÕES DE IDENTIDADE

Art. 2º Para os fins deste Decreto, considera-se pessoa surda àquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais - Libras.

Parágrafo único. Considera-se deficiência auditiva a perda bilateral, parcial ou total, de quarenta e um decibéis (dB) ou mais, aferida por audiograma nas frequências de 500Hz, 1.000Hz, 2.000Hz e 3.000Hz. (Redação dada pelo decreto nº 5.626, de 2005)

Há diferentes graus de perda auditiva, variando de leve a surdez profunda, que seria a ausência total da audição.

Em termos técnicos, a surdez é subdividida da seguinte forma: de surdez leve (25 a 40 db) à anacusia, tendo como níveis intermediários a surdez moderada (41 a 55 db), a surdez acentuada (56 a 70 db), a surdez severa (71 a 90 db) e a surdez profunda (acima de 91 db) (SASSAKI, 2002 p. 2).

Por ser uma questão de identidade, a nomenclatura usual em referência a pessoa com perda auditiva é: “surdo”, porém, não delimitada as pessoas com perda parcial, ou leve de se identificarem com o termo “deficiente auditivo” (SANTANA e BERGAMO, 2005).

A visão que se tem do surdo é baseada em concepções culturais que vão se modificando de tempos em tempos.

Na antiguidade, influenciado pelas correntes filosóficas, o pensamento estava diretamente relacionado à fala, logo, o surdo não era considerado humano, pois neste ideário não era capaz de raciocinar.

Começam a romper com esta concepção no final da idade média, quando a igreja católica assume o papel de educar os surdos (SCLUNZEN; BENEDETTO e SANTOS, 2012).

Com o desenvolvimento de pesquisas posteriores, influenciadas principalmente por Cardano, constatou-se a representação do pensamento e ideias através da escrita e não apenas da fala como se supunha anteriormente.

Ponce de Leon foi um dos primeiros educadores de surdos a utilizar sinais para interagir com eles. A língua de sinais se origina a partir desta proposta de comunicação do monge beneditino.

Em 1880 houve um dos marcos importantes na história dos surdos. Durante o segundo congresso mundial de surdos-mudos em Milão, definiu-se o oralismo como método para ensinar os surdos, método este que consiste na adaptação do surdo a modalidade oral da língua, através de leitura labial. (SCLUNZEN; BENEDETTO e SANTOS, 2012).

Passou a ser proibido o uso de sinais na comunicação. Após o declive da proposta oralista, surge o termo ‘comunicação total’, onde as entidades de ensino e os surdos escolhiam a melhor maneira de se comunicar, fosse de forma oralizada, por sinais, ou ainda mesclando as duas modalidades.

No entanto, há a necessidade de padronização na comunicação, o que levaria ao surgimento do bilinguismo, que é o ensino da língua de sinais como primeira língua das comunidades surdas e a língua portuguesa na modalidade escrita como segunda língua, culminando na oficialização da língua de sinais aqui no Brasil (SCLUNZEN; BENEDETTO e SANTOS, 2012).

Entendendo se identidade como as marcas e características próprias de um grupo específico, podemos enumerar diversas contribuições do reconhecimento da Libras como língua oficial, na perspectiva da educação bilíngue, no empoderamento do sujeito surdo, em sua construção e no rompimento ideário, não apenas terminológico, mas conceitual, de “deficiente”, para “surdo” (SILVA 2000).

Neste momento a surdez torna-se uma marca característica de um grupo e não uma patologia incurável que condena à exclusão seus portadores. O surdo não é mais tratado como inferior, e sim como diferente (SANTANA e BERGAMO, 2005).

Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados. (Redação dada pela lei nº 10.436, de 2002).

O surdo traduz de forma visual, através da língua de sinais, suas experiências e seu pensamento (QUADROS, 2006), logo a oficialização da Libras como segunda língua brasileira, significou um grande avanço de direitos e reconhecimento para a comunidade surda brasileira.

Durante muito tempo a comunicação dos surdos através de sinais era vista como prática marginalizada e inferior, passando por diversas concepções até a língua de sinais ser reconhecida e difundida como direito do sujeito surdo (BRASIL, Lei 10.436).

Por ser uma língua gestual/espacial (QUADROS, 2006) muitas vezes pejorativamente tratada como mímica, a Libras era inferiorizada em detrimento do caráter oral da língua portuguesa.

Se é através da linguagem que o sujeito se expressa, pensa, age e interage, o surdo passa a ser visto não como inferior ao ouvinte, por sua língua até então estar à margem da língua portuguesa, agora a comunidade surda possui a sua marca de identidade linguística, a Libras (SANTANA e BERGAMO, 2005).

Os estudos sobre o surdo devem aproximar-se de sua cultura, o que nos ajuda a entender suas características, mostrando seus sinais de resistência quanto ao direito linguístico e resgate da identidade surda (QUADROS, 2006).

Na proposta bilíngue, a língua de sinais é a língua de instrução e a língua portuguesa escrita a segunda língua na educação dos surdos, e para que isso ocorra, faz-se necessário que a escola possibilite a coexistência das duas línguas no ambiente escolar, o que pressupõe educadores também bilíngues para que haja um ambiente alfabetizador eficiente e meios adequados no processo de ensino dos surdos e principalmente em nosso contexto a alfabetização (QUADROS, 2006).

O período de aquisição da língua de sinais por crianças surdas que tem contato desde cedo com a Libras, é semelhante ao período de aquisição da linguagem oral por crianças ouvintes.

Este contato sendo propiciado desde bem cedo, favorece o pleno desenvolvimento da língua em seus aspectos, como utilizar algumas configurações manuais e expressões faciais na construção de sentenças básicas (quem, o que, onde), e a introdução dos classificadores.

Entende-se por classificadores a forma de representar/descrever determinados objetos que podem ou não ter um sinal padrão, seja por seu uso, ou característica. Todos estes recursos compõem a estrutura da língua de sinais (QUADROS, 2006).

Embora este processo seja ainda simplista num primeiro momento, dadas as especificidades das crianças pequenas, o desenvolvimento e o uso da Libras pelas crianças surdas é equivalente ao desenvolvimento oral e uso da fala nas crianças ouvintes (QUADROS, 2006).

A língua escrita para os surdos têm a finalidade de comunicação e produção textual, assumindo caráter formativo, integrando-o aos hábitos linguísticos de seu país.

Conhecer e fazer uso da língua portuguesa escrita para o surdo significa conhecer diferentes gêneros textuais e possibilita a sua interpretação reflexiva dos conteúdos, fazendo uso social da escrita (SOARES, 2004).

Além do uso social da escrita, o surdo se comunica em diferentes mídias com os ouvintes que não fazem uso da língua de sinais. Configura-se assim uma ferramenta de comunicação para os surdos, o que dentre outros fatores, nos reafirma a importância da proposta bilíngue na educação (QUADROS, 2006).

A alfabetização da criança surda não deve ser norteadora pelas práticas elaboradas para ensino das crianças ouvintes, ou tomar aspectos dos dois campos utilizando o português sinalizado, que é a junção dos sinais da Libras, apresentados na estrutura gramatical da língua portuguesa, como segunda língua, o que significa afirmar a língua de sinais como língua usual da criança surda, construindo a partir disso a introdução na língua portuguesa.

Seria este um processo não de transferência de conhecimento de uma língua para a outra, mas um processo paralelo de aquisição e aprendizagem, em que cada língua desempenhe adequadamente sua função (QUADROS, 2006).

Segundo a autora, o processo de alfabetização na Libras vai sendo efetivado num caminho de descoberta da própria língua e as relações expressas através dela. Na produção de histórias utilizando configurações de mão diversas, explorando as produções visuais- literárias dos adultos, o que ela chama alfabetização dos sinais e que precederia a alfabetização da língua portuguesa, para que se efetivasse a instrução bilíngue da criança surda.

Neste processo de alfabetização, a leitura de textos em português deveria ser sempre posterior a leitura do texto em sinais, o que facilitaria a compreensão e apropriação dos significados e interpretação desta leitura (QUADROS, 2006).

A criança surda estabelece relações e ressignifica as palavras da língua portuguesa escrita através da língua de sinais, percebeu-se então a necessidade de uma representação escrita para os sinais. Assim como as palavras configuram a representação escrita da fala, essa escrita dos sinais representa a configuração dos parâmetros da língua de sinais, porém, ainda é pouco explorada.

Sutton indica ainda um caminho norteador no trabalho pedagógico com a criança surda, um processo para construção da Libras com a língua portuguesa, que segue:

No contexto do aluno surdo, a leitura passa por diversos níveis:
Concreto – sinal: ler o sinal que refere coisas concretas, diretamente relacionadas com a criança. 2) Desenho – sinal: ler o sinal associado com o desenho que pode representar o objeto em si ou a forma da ação representada por meio do sinal. Ideias para ensinar português para alunos surdos 43 3) Desenho – palavra escrita: ler a palavra representada por meio do desenho relacionada com o objeto em si ou a forma da ação representado por meio do desenho na palavra. 4) Alfabeto manual – sinal: estabelecer a relação entre o sinal e a

palavra no português soletrada por meio do alfabeto manual. 5) Alfabeto manual – palavra escrita: associar a palavra escrita com o alfabeto manual. 6) Palavra escrita no texto: ler a palavra no texto.

A criança ouvinte estabelece relações significativas entre oralidade e a representação escrita das palavras, fazendo relação entre o som e o significado da palavra, sentenças ao perceber visualmente a escrita, e que no caso da criança surda o domínio da língua escrita ocorre pelo canal visual, a relação se dá por um determinado símbolo gráfico que remete à recuperação mental do sinal correspondente a Libras permitindo dar significado à palavra escrita. (FERNANDES, 2003)

OS JOGOS E O LÚDICO NA ALFABETIZAÇÃO

A educação tem passado por diversas transformações e diante desta realidade vem buscando subsídios para tornar o ato de aprender prazeroso e significativo, neste contexto a ludicidade se apresenta como possibilidade de contribuição significativa para o desenvolvimento do ser humano, como facilitador no processo de socialização, de comunicação, de expressão e na construção do pensamento, além de auxiliar na aprendizagem.

O ato de brincar é comumente atribuído como espaço privilegiado no desenvolvimento da criança e contribui para a constituição do pensamento (QUEIROS, MARTINS, *apud* VYGOSTSKY, 2002)

A brincadeira e a aprendizagem não podem ser consideradas como ações, com objetivos distintos. O jogo e a brincadeira são por si só, uma situação de aprendizagem, as regras e a imaginação favorecem a criança comportamento além do habitual. Nos jogos e brincadeiras a criança age como se fosse maior que a realidade, e isto inegavelmente contribui de forma intensa e especial para o seu desenvolvimento (QUEIROS, MARTINS, *apud* VYGOSTSKY, 2002, p.6)

O lúdico constitui um suporte na educação formal propiciando o desenvolvimento do ser humano, não só no processo de aprendizagem, mas também no desenvolvimento social, pessoal e cultural, facilitando no processo de interação, comunicação, expressão e construção do pensamento nas crianças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o início de nossa pesquisa pensávamos sobre quais seriam as dificuldades que enfrentaríamos durante a pesquisa, obviamente uma delas seria a comunicação.

Como se aproximar dos surdos? Como faríamos para entender como pensam o que sentem e o que sofrem durante a vida escolar?

Por vezes enxergamos em vez de pessoas, seres limitados por uma deficiência, deficiência esta que para muitos deles não constitui uma barreira. Quando lidamos com o ser humano tudo o que podemos esperar é simplesmente o inesperado. Tive a oportunidade de conhecer algumas dessas pessoas, tive a chance de entendê-las melhor e conhecer um pouquinho deste mundo do qual muitos ouvem falar, mas poucos se interessam, porque

realmente não é fácil começar do zero e estreitar laços falando línguas diferentes. Difícil, mas não impossível.

Durante uma conversa com minha amiga surda, ela relatou que o único lugar em que ela se sentia acolhida era na escola, uma escola especializada em educação de surdos, ou nos encontros dos quais participava da comunidade surda em shoppings e outros espaços, contou um pouco de como era a solidão em relação a família, aos ouvintes, pessoas com as quais ela tinha curiosidade e interesse de conhecer, mas existia uma pequena questão: a língua.

Ainda sobre os ouvintes, ouvi tantos relatos de descaso e preconceito, que senti certa vergonha e culpa, culpa por não tê-la ouvido antes, vergonha por não poder ajudar mais.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL, Constituição (1988). **Constitucional nº 9394** de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/lbd.pdf> Acesso em: Setembro/2016.
- BRASIL, Constituição (1988). **Emenda Constitucional nº 10.098**, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l10098.htm Acesso em: Setembro/2016.
- BRASIL, **Decreto Federal n 5.626** de 22 de dezembro de 2005. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm Acesso em: Agosto/2016.
- BRASIL, **Lei nº 10.436**, de 24 de abril de 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/Leis/2002/L10436.htm Acesso em: Agosto/2016.
- BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria da Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial, na perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC/SEESP, 2008.
- UNESCO, **Declaração de Salamanca**, 1994. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf> Acesso em: Setembro/2016.
- CAMPELLO, S.; SILVEIRA, C. H.; REIS, F.; REZENDE, F. F.; STRÖBEL, K. L.; MASSUTTI, M.; ESTELITA, M.; PINTO, P. L. F.; CUNHA, P. M. A.; MARQUES, R. R.; QUADROS, R. M. **Estudos surdos II**. Rio de Janeiro, ARARA AZUL, 2007.
- FERNANDES, S. **Educação bilíngue para surdos: identidades, diferenças, contradições e mistérios**. Curitiba, 2003, Tese (Doutorado em Letras), Universidade Federal do Paraná.
- HEILAND, H. Friedrich Fröbel (1782-1852). In: **Friedrich Fröbel**. Trad. e org. IvaniseMonfredini. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Massangana, 2010 Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/me4669.pdf> Acesso em: Agosto/2016
- SILVA, T. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais** Petrópolis. RJ: Vozes, 2000
- SOARES, M. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**, n.25, jan.-abr./2004.
- SUTTON, V. **Lições sobre o SignWriting** - Um Sistema de Escrita para Língua de Sinais - Tradução: Marianne Rossi Stumpf - Tradução Parcial e Adaptação do Inglês/ASL para Português LIBRAS do livro "Lessons in SignWriting ", de Valerie Sutton, publicado originalmente pelo DAC – DeafActionCommittee for SignWriting
- QUADROS, R. M.; SCHMIEDT, M. L. P. **Ideias para ensinar português para alunos surdos**. Brasília: MEC; SEESP, 2006.
- QUEIROZ, T. D.; MARTINS, J. L. **Pedagogia lúdica: jogos e brincadeiras de A a Z**. São Paulo: Ridel, 2002.

Miriam Ferreira - Pedagoga formada pela Faculdade Sumaré. Licenciatura em Arte Visual pelo Centro Universitário de Jales, UNIJALES. Pós-graduação Lato Sensu em Ensino das Artes Visuais pela Faculdade Paulista São José. Pós-graduação Formação em Educação a Distância Universidade Universidade Paulista, UNIP. Professora de Educação Infantil e Ensino Fundamental I na Prefeitura Municipal de São Paulo, PMSP.



Revista a EVOLUÇÃO
Ano 42 Jul. 2023
Fl. 43
ISSN 2673-2573

Revista a EVOLUÇÃO

Ano 43 Ago. 2023
Fl. 43
ISSN 2673-2573

COLA TEM E
ESTRELA BI

Vit



RECONHECER E VALORIZAR

www.primeiraev



www.primeiraevolucao.com.br

ORGANIZAÇÃO:

Andreia Fernandes de Souza
Manuel Francisco Neto
Vilma Maria da Silva

AUTORES(AS):

Daniele Marques dos Santos Barreto
Denise Teixeira Santos Menezes
Eliane Cristina Bulgan Borges
Girleene Nascimento da Silva Mantovani
Joseneide dos Santos Gomes
Lana Cristina Teixeira
Lidiane Oliveira Leopoldo da Silva
Luciana Rodrigues da Graça
Miriam Ferreira
Rita de Cássia Gonçalves Paccola
Sheyla Maria Silva Pimentel
Simone Moreira Garcia



<https://doi.org/10.52078/issn2673-2573.rpe.43>

Produzida com utilização de softwares livres



Platform &
workflow by
OJS / PKP

www.primeiraevolucao.com.br

